


# DESENHAR O FINAL DO IMPÉRIO COLONIAL: O TRAÇO DO CARTOONISTA AUGUSTO CID (1966-1974)

## DRAWING THE END OF THE COLONIAL EMPIRE: THE WORK OF CARTOONIST AUGUSTO CID (1966-1974)

 Sónia Pereira Henrique<sup>1</sup>  
<https://orcid.org/0000-0001-8374-8919>

 Maria Cristina Neves<sup>2</sup>  
<https://orcid.org/0009-0003-8217-0475>

Recebido em: 27 de maio de 2025.  
Revisão final: 20 de agosto de 2025.  
Aprovado em: 16 de janeiro 2026.

 <https://doi.org/10.46401/arec.2025.v17.23456>

---

1 Doutora em História, com especialidade em Arquivos Históricos (23/01/2020) e Mestre em Ciências da Informação e Documentação, na variante de Arquivística desde 30/11/2010. Ambos os graus académicos foram certificados pela Universidade Nova de Lisboa - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, em Lisboa, Portugal. Investigadora Integrada do DINÂMIA<sup>3</sup>CET-Iscte - Centro de Estudos Socioeconómicos e Territoriais (ECSH) grupo Cidades e Territórios, Lisboa, Portugal. E-mail: [sonia.pereira.henrique@gmail.com](mailto:sonia.pereira.henrique@gmail.com)

2 Mestranda em Ciências da Documentação e Informação na Universidade de Lisboa e o Mestrado em Museologia e Museografia na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. É pós-graduada em Património, Gestão e Participação, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa (2023-2024) e a Especializada em Ciências Documentais, variante de Bibliotecas e Centros de Documentação e variante Arquivo pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (2007-2010). E-mail: [cristinasoaresneves@gmail.com](mailto:cristinasoaresneves@gmail.com)

**Resumo:** O desenho da espacialidade colonial através do *cartoon* e a sua leitura em contexto, conforme outras tipologias documentais nos arquivos, permitem equacionar um espaço público, um território hermenêutico no qual crítica social, função moral, expressão artística e impacto cultural operam enquanto fronteiras, possibilitando reavaliar valores, mesmo em momentos-chave, conforme a guerra colonial, em África. Assim, a representou Cid, participante ativo durante a guerra, com o seu desenho e depois desta, enfrentando a censura ao seu trabalho.

**Palavras-chave:** guerra, humor, opinião pública, imprensa.

**Abstract:** The utilisation of cartoons as a medium to depict colonial spatiality and its contextual reading alongside other documentary typologies in the archives enables us to equate public space, a hermeneutic territory in which social criticism, moral function, artistic expression and cultural impact act as frontiers. This enables a re-evaluation of social values, even during pivotal moments such as the colonial war in Africa. Cid's approach conveys his artistic representation of the conflict, both as an active part of it and as a result of censorship.

**Keywords:** humour, press, public opinion, war.

## Introdução

O presente artigo ao revisitar a expressão artística de Augusto Cid (1966-1974), na sua qualidade de cartoonista, intersecta o impacto do seu processo humorístico ao nível da opinião pública na formação do Portugal contemporâneo<sup>3</sup>. A cronologia definida compreende a montante o ano de 1966, o qual marca o início da publicação deste seu trabalho, em Angola – aquando da sua participação na guerra colonial – e a jusante o ano de 1974, considerando que a publicação da obra “*Que se passa na frente?!!*”, na qual foi republicado algum deste trabalho, foi editada em dezembro de 1973 tendo sido efetivamente distribuída em fevereiro de 1974.

As questões de governação e administração – aludindo aos planos de fomento e aos avanços e recuos de um território que se distanciava da metrópole – foram mapeados através deste compromisso entre a Arte e a informação, que o trabalho de Augusto Cid representou, sem perder de vista a inscrição nos arquivos. O acesso ao seu arquivo pessoal, atualmente em depósito no Arquivo Histórico de Cascais<sup>4</sup>, e o cruzamento com documentos localizados em outras unidades culturais, permitiram estudar a leitura que o olhar acutilante do autor trouxe de tópicos políticos complexos como o foram a guerra colonial. Um exercício que se pode empreender, conforme pretende o texto explorar, a dois níveis – observando a qualidade de participante externo, e ou observando a qualidade de participante ativo, na última fase do colonialismo português tardio.

De um ponto de vista metodológico o texto explora o estudo do humor, bem como a sua intersecção com a imprensa e os estudos históricos de política colonial, recorrendo ao *cartoon* enquanto fonte primária. Esta opção metodológica, na qual se optou por analisar a produção do autor, outrora miliciano nas fileiras em Angola – papel que lhe permitiu protagonizar o episódio “*Linha da Frente*” – é justificada considerando o facto de que estes ensaios visuais constituem

3 Neste artigo as autoras seguem a norma do português europeu. Adicionalmente, optaram pela utilização dos termos *cartoonista* e *cartoon*, consagrados pelo uso em Portugal, em detrimento dos termos *cartunista*, *cartum* ou *charge*.

4 Os documentos de arquivo podem ser consultados no Arquivo Histórico Municipal de Cascais. Código de referência: PT/CMCSC-AHMCSC/APSS/AJMSC. A história administrativa e custodial do fundo encontra-se acessível em: Cid, Augusto José de Matos Sobral. Arquivo Digital Cascais. Disponível em: <https://arquivodigital.cascais.pt/xarqweb/Result.aspx?id=400773&type=PCD>. Acesso em: 15 ago. 2025.

um campo de investigação determinante para a análise do tempo histórico conjugando mensagens, horizonte de expectativa e conotação de imagem. A boa receção deste trabalho gráfico em Angola, aquando da sua produção, contrasta com a censura recebida, mais tarde em Portugal, quando regressado o autor procura republicar aquele trabalho. Nesse sentido e enquanto argumento, a escolha dos desenhos não poderia recair sobre outra amostra documental.

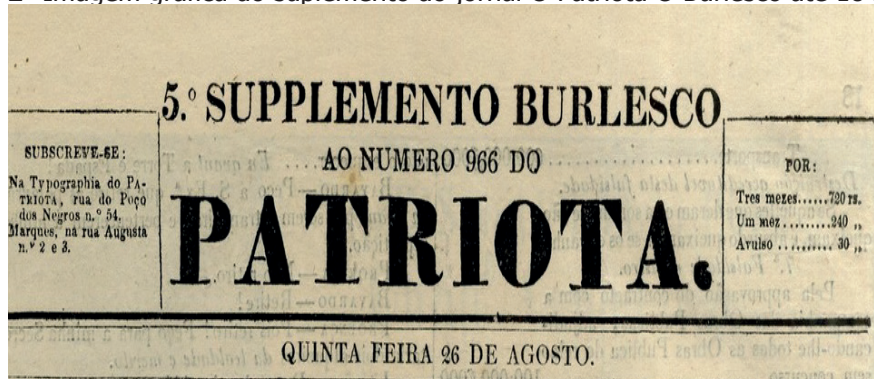
No que respeitou a guerra colonial, na qual Portugal e Angola foram parte ativa, e da qual se considera, neste estudo, como seus atores principais os homens que estiveram no teatro de operações – a chamada linha da frente – justifica-se a escolha do tema não porque não tenha sido alvo de diversos estudos ao longo do tempo, mas porque no que se refere à retórica da imagem, este ainda configura um tópico científico com diversas facetas por explorar. Não obstante, o trabalho que agora se apresenta visa contribuir para o aprofundamento da compreensão sobre o *cartoon* produzido em contexto de guerra. Ter recorrido ao trabalho, em nosso ver, singular, de um autor e artista gráfico português como o foi Augusto Cid, deve-se à sua qualidade e ao facto de este ter sido participante na linha da frente – o que para estudiosos de temas pretéritos possibilita problematizar a temática complexa dos conflitos de libertação, homenageando, em simultâneo, o fenómeno comunicacional gráfico.

## O humor na imprensa impressa portuguesa - origens e desenvolvimento

A história da imprensa portuguesa desde a sua origem até 1865 abordou a importância do humor na comunicação impressa em momentos de particular dificuldade, como foram a transição do Antigo Regime para o Estado Liberal (TENGARRINHA, 2013). Este fenómeno, de conseguir abordar temas de extrema conflitualidade e fragilidade, inevitavelmente, impactou a formação de opinião pública (ALVES, 2015). Este hiato, considerado desde a Antiguidade um espaço intermédio entre a ignorância e a ciência (PLATÃO, 2001, p. 263-264). Em Portugal, e ao nível de política editorial, o *Almocreve de Petas* (1797-1800) considera-se o primeiro periódico a recorrer ao humor (FERREIRA, 2018). Apesar da publicação não conter imagética, conforme se pode verificar na compilação publicada por J.F.M. de Campos em 1819, a qual se encontra disponível na biblioteca digital *Internet Archive* (2009), os seus conteúdos trouxeram apontamentos que

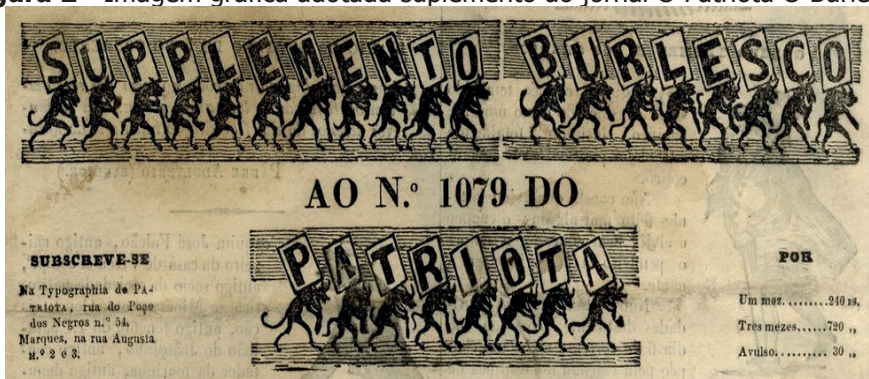
marcaram a transição da nação ao nível, sobretudo, da sua opinião pública para um Estado liberal (FERREIRA, 2020). Ainda demorou até que se assistisse no país, à introdução de imagem na imprensa, a qual acontece com o suplemento ao jornal diário *O Patriota* (1843-1853), *O Burlesco* em 1847.

**Figura 1-** Imagem gráfica do suplemento ao jornal *O Patriota* *O Burlesco* até 1847-08-26.



Fonte: Hemeroteca Municipal de Lisboa (HML).

**Figura 2 -** Imagem gráfica adotada suplemento ao jornal *O Patriota* *O Burlesco*.



Fonte: Série II, nº 1079 (1848-01-10). Hemeroteca Municipal de Lisboa (HML).

Este suplemento compreendia uma folha político-satírica ilustrada, propriedade de Manuel de Jesus Coelho, que apresentava inicialmente uma imagem austera vindo a modificar o seu *branding* ainda durante a sua 1ª série. Este refrescamento ao nível da imagem aconteceu após a publicação do seu nº 5 a 26 de agosto de 1847, e foi assim que o periódico testemunhou o processo que conduziu ao golpe regenerador de 1851 – viabilizado por cartistas e setembristas moderados, e à primeira reforma da Carta Constitucional, através do Acto Adicional de 1852 (HEMEROTECA, 2016).

Figura 3 - Ilustração alusiva às Obras Públicas do Reino



Fonte: O Burlesco, I, nº 5 (1847-08-26). Suplemento ao nº966 do jornal O Patriota, p.19. Hemeroteca Municipal de Lisboa (HML).

A sátira, enquanto forma de crítica social, tanto pode ser divertida quanto incisiva, utilizando elementos humorísticos para provocar reflexão, o que inclui o recurso a dialética de subalternos (DETERALA, 2020). Aguiar e Silva (2002) explorou a sátira em diferentes contextos históricos e culturais, destacando a sua importância na literatura e na comunicação social ao expor as falhas verificadas na sociedade, em particular na crítica das figuras e instituições políticas, visando temas como a corrupção política, a inoperabilidade e a incompetência. O que nos leva a questionar o funcionamento do discurso icónico, em contexto de conflito, em particular nos tópicos associados à política colonial. E no qual parece haver razoabilidade no facto de que o colonialismo não civilizou, desumanizando tanto o colonizado quanto o colonizador (CÉSAIRE, 2024)<sup>5</sup>.

Historicamente, e do que se encontra publicado, o discurso icónico tem desempenhado um papel significativo na formação da opinião pública e das narrativas políticas durante os conflitos coloniais. Na segunda metade de XIX, os lançamentos de periódicos de humor de Raphael Augusto Prostes Bordallo Pinheiro (1846-1905) trouxeram outro fôlego à imprensa de humor portuguesa. Começando por lançar *o Binóculo* (1870), jornal de crítica teatral, lançando pouco depois *A Berlinda* (1871), de que saíram sete números Bordalo teve uma passagem

<sup>5</sup> A 1ª edição deste manifesto contra o colonialismo e o racismo institucionalizado surge em 1950 com o título *Discours sur le colonialisme*. Trata-se de uma referência central para os estudos pós-coloniais, influenciando a título de exemplo Frantz Fanon, Edward Said e Ngũgĩ wa Thiong'o.

entre 1873 e 1874 pelo *Illustrated London News*, como correspondente em Madrid, na qual impôs o seu nome artístico, Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1905) fundando, em 1875, *A Lanterna Mágica* (MATOS, 2013). Sendo neste último, um mês após o seu lançamento, que Bordalo publicou o seu *cartoon* mais icónico o “Zé Povinho”, conforme se pode verificar na figura 4.

**Figura 4** - A “S. Pedro ... Paio” Litografia de R. Bordallo Pinheiro



Fonte: *A Lanterna Mágica*, 26-06-1875, p. 52-53. Hemeroteca Municipal de Lisboa (HML).

Este arquétipo desenhado por Bordalo, compreendia uma figura grotesca a qual representava um camponês analfabeto, que apesar de soberano do tudo e do nada (OLÍMPIO, 2013, p. 16), foi adotada como personificação nacional portuguesa (FRANÇA, 2004), ainda hoje se mantendo como um ícone.

**Figura 5** - Capa do 1º número do periódico *A Paródia* (1900).



Fonte: Hemeroteca Municipal de Lisboa (HML).

Mais tarde, *A Paródia* (1900-1907) – o terceiro projeto editorial de Bordalo – procurou colocar a ilustração ao serviço de uma crítica dirigida à coisa pública, a qual o próprio nomeia por “a anedota pública”. Ainda assim, não se pense que Bordalo apenas criticava a política nacional. Aquando deste último projeto podemos compreender que e, no âmbito da sua atividade profissional, o artista operou, inclusive, ao nível diplomático (DIOGO, URZE, SIMÕES, 2023). Não se tratava de criticar para ridicularizar ou para suscitar riso, mas de criticar para infundir algum tipo de melhoria, e isso foi evidente com a sua participação pública no âmbito das pressões a que Portugal esteve sujeito, no seguimento do ultimato inglês.

### Uma cultura visual colonial ou um arquivo visual colonial?

Compreende-se que o humor encontrado na imprensa, conforme explorado e conforme se verifica no trabalho de Augusto Cid, não tem o objetivo primordial de levar o público a rir, mas a pensar nos acontecimentos (FERNANDES, 2016, p. 216). No caso, não se trata diretamente do humor ou do riso como categoria filosófica ou psicológica, mas de oferecer uma crítica que pode estar e ser relacionada ao tema da identidade, representação e alienação (FANON, 2008), e mesmo de como o *outro* fora forçado a viver sob uma identidade imposta, construída por olhares externos (SAID, 2004). A denúncia desta violência simbólica associada ao colonialismo decorreu em várias frentes, sendo encontrada em diversos teóricos. Fanon, a título de exemplo, fê-lo através da psicologia e da linguagem; Said através da crítica literária e cultural. Pese embora, Said não analise diretamente o humor, a sua crítica ao discurso orientalista permite pensar o humor *nonsense* como forma de resistência.

As imagens políticas criadas em tempo de conflito ou disputa são disso bons exemplos, nos quais percebemos no desenho a estigmatização do adversário (RAVI, BENHAÏM, 2022). E se durante o período monárquico o protagonismo desta representação era parcelado entre o inimigo, Napoleão, e os seus opositores, encarnados através de perfis: o patriota (Espanha), o camponês (Rússia), o simples soldado (Alemanha) ou o homem comum (Inglaterra, França, Holanda, Alemanha)

(RÉGNIER, 1996, p. 83) e Portugal. Durante a Primeira República (1910-1926), a cultura visual que incidia no colonialismo português mediava uma dialética na qual a infantilização e a feminização das colónias, embora empregues, não eram exclusivos do caso português, verificando-se contexto idêntico nas imprensas francesa e britânica (SCHIBELINSKI, 2016, p. 79).

O desenrolar da guerra colonial no ultramar português (1961-1974) possibilitou que se assistisse a um momento estruturante para a imprensa, principalmente para o serviço de noticiários. Mantendo lógicas propagandistas, como foi o caso da revista *Antena* (01-03-1965 a 15-10-1968), ao serviço da estação de rádio sua proprietária, a qual foi utilizada como montra promocional da primeira, ao invés de um canal para debate alargado (HENRIQUES, 2016). Este exemplo, ilustra o facto de que não são apenas os padrões, conforme o veículo através do qual era transmitida a mensagem, que têm a sua importância no processo comunicacional. E neste âmbito, a imprensa ilustrada desempenhara um importante papel tanto na divulgação quanto na “criação” do império colonial português (MARTINS, 2012).

Por outro lado, a caricatura, conforme revisitado nas publicações de XIX, tende a aumentar e a destacar um aspeto narrativo na imprensa ilustrada, permitindo ao artista gráfico colocar em agenda determinado tópico, não raro implicando um ataque (OLIMPÍO, 2013, p. 125), através de uma imagem estereotipada (ROCHA, 2022, p. 31). Por sua vez, o *cartoon* representa uma proposta de eliminação dos sinais de identificação do referente, mantendo-o, todavia, dentro do contexto cultural conhecido acompanhada de uma declaração crítica (FERNANDES, 2016, p. 217) e de um manifesto de intervenção (OLIMPÍO, 2013, p. 125). Contudo, e concordando com Ana Rocha (2022) não parece ser possível tecer considerações sobre o humor, na qualidade de discurso social, sem entender a relação entre criador-imagem-recetor, bem como a sua dimensão social e política.

Adicionalmente, sabendo que todo o discurso social é proliferante, já que se expande de um modo contínuo, sobretudo quando se menciona a união entre discurso social e imprensa periódica, ao abordar o contexto da guerra colonial importa ter presente que não é tão importante quem pode falar como quem vai ouvir (SPIVAK, 2012). A questão da compreensão do signo, conforme a explorou Peirce (1978), o que é a imagem, o que diz, e como o diz necessita de protocolos para a leitura. A teoria semiótica de Peirce auxilia na medida que a iconografia de um tema ou de assunto deve ser acompanhada de um estudo de significado da obra. E neste ponto a obra de Cid, aqui abordada, parece-nos paradigmática. Porque

este trabalho hermenêutico, inevitavelmente, implica compreender significados primários, significados secundários e significados intrínsecos (JOLY, 2008).

Em 2020, Jair Rattner<sup>6</sup> publicou um artigo no qual estudou os jornais publicados por soldados portugueses da guerra colonial, que, como refere, é um tema pouco explorado nos estudos da história do jornalismo em Portugal. Nesse estudo há uma proposta de classificação do uso do satírico na imprensa mediante categorias: o dia-a-dia; os militares e os civis; a situação militar ineficiências; o inimigo e as hierarquias militares. Para a proposta, o autor utilizou como objetos de estudo e fontes cerca de 240 jornais de unidades existentes na Biblioteca do Exército, que foram escritos e publicados em Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe (RATTNER, 2020). Inevitavelmente, todas as classificações propostas foram encontradas no trabalho de Augusto Cid.

Rosseau, conforme os clássicos, preferia uma sociedade na qual a moral fosse cultivada pela educação e pela razão, não considerando o riso um regulador social legítimo, mas um reflexo de insensibilidade e mesmo de desigualdade (ROSSEAU, 2015). Ao reler a teoria de Hobbes (2020), o qual considera o riso perigoso por alimentar o orgulho e a desigualdade, é reconhecido que o riso pode funcionar como um instrumento de regulação social, corrigindo comportamentos desviantes ou ridículos. Ainda que tal pareça uma forma negativa de correção, baseada na humilhação pública, e não na educação ou na empatia.

## O trabalho de Cid e a sua expressão no colonialismo tardio português

Augusto José Matos de Sobral Cid (1941-2019), natural da cidade da Horta, na ilha do Faial, Açores exerceu durante grande parte da sua vida a atividade de desenhador de *cartoons* de cariz satírico e político, publicando ao longo de cerca de quatro décadas em revistas e jornais, alguns dos quais ideologicamente comprometidos, como o *Jornal Povo Livre* do Partido Social Democrata, o *Diabo* dirigido por Vera Lagoa, o *Independente* e nos últimos anos de atividade, o semanário *SOL*.

Em 1962, um ano após o início do conflito armado entre as forças militares portuguesas e os movimentos nacionalistas emergentes nas colónias africanas

---

<sup>6</sup> Doutor em Ciências da Comunicação, mestre em Língua e Cultura Portuguesas e graduado em Jornalismo. É jornalista desde 1983, sendo atualmente investigador do ICNova (PT).

administradas e governadas por Portugal, o então jovem de 21 anos Augusto Cid inscrevia-se nas provas de aptidão na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa (ESBAL)<sup>7</sup>, tendo sido admitido. Vencidas duas matrículas, uma em 1962 e outra em 1964, mas insatisfeito com o sistema de ensino, desistiu do curso de Escultura<sup>8</sup>. Esta sequência de eventos, determinou o ingresso no serviço militar e a mobilização na qualidade de furriel miliciano atirador, integrado na Companhia de Cavalaria do Batalhão de Cavalaria (CCav/BCav), com destino a Angola<sup>9</sup>. Havendo sido destacado para Caripande, Cid descreverá mais tarde o local como um...

minúsculo posto de fronteira com a Zâmbia no leste de Angola onde o Governo Português persistia em manter meia dúzia de funcionários da Guarda Fiscal e um pelotão de cavalaria com a missão de zelar por esse posto de fronteira se bem que a escassa população da zona tivesse há muito desaparecido e com ela o comércio com o outro lado da fronteira (CID, 1997, p.[1]).

Cerca de um ano depois da sua chegada, a qual aconteceu no final do ano de 1965, Cid começa a colaborar, no *Jornal da R.M.A. (Região Militar de Angola)*<sup>10</sup>. O jornal tinha redação e administração no Quartel-General da Região Militar Angola (QG, R.M.A.) e era composto e impresso na NEOGRÁFICA, em Luanda. Tratava-se de um periódico mensal, saindo para as bancas a cada dia 15, tendo sido impresso pela primeira vez em agosto de 1966. Em dezembro, quando se encontrava a compilar o seu 5.º número, Cid iniciou a sua colaboração, que foi continua até outubro de 1967.

Apesar do estudo que agora se apresenta, incidir nesta produção do artista, Cid não foi o único a retratar a guerra colonial. E, em todas as ex-províncias do império português, foram verificados contributos semelhantes em outros jornais (TORRES, 2012). Em Angola, e antes de Cid, a título de exemplo, a revista *Notícia*

7 Atual Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.

8 Conforme livro de registos da Universidade de Lisboa, estava inscrito nas seguintes Cadeiras do 1.º ano: Desenho de estátua, Iniciação de pintura, Iniciação de escultura, Geometria aplicada, 1.ª parte; História Geral da Arte, 1ª parte; Tecnologia da Pintura (noções gerais); Tecnologia da Escultura (noções gerais).

9 Vigorava então a Lei do Recrutamento e Serviço Militar de 1 de setembro de 1937 (Lei n.º. 1:961) que determinava que todos os indivíduos do sexo masculino que completassem vinte anos entre janeiro e dezembro fossem recenseados no mês de janeiro. Em 1968, a Lei do Serviço Militar, n.º. 2135, de 11 de julho, vem alterar a idade de recenseamento para os 18 anos de idade.

10 A coleção de jornais da *R.M.A.* foi consultada na Biblioteca do Exército, em Lisboa. Cota: 1.845/A.

publicava *cartoons* criados por Fernando Gonçalves, sendo o mais destacado o arquétipo “Zé da Fisga”, na qual era apresentado o soldado português destacado para Angola, durante a Guerra Colonial. Este *cartoon* que ocupava uma das páginas centrais do semanário – impressa a cores – manifestava um traço no qual não se evidencia maior observação crítica retratando-se um soldado português infantilizado – um bom rapaz, quase ingênuo, no contexto de guerra.

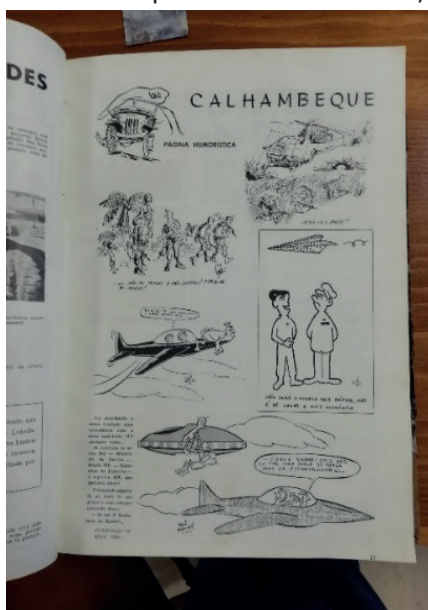
**Figura 6** – “Zé da Fisga” na revista ilustrada A Notícia.



Fonte: TORRES, 2012: anexos xvi.

O trabalho gráfico apresentado pelo Jornal onde publicava Cid, tinha outra complexidade comparativamente ao da revista *Notícia*, podendo ler-se nos trabalhos várias camadas compositivas. No *Jornal da R.M.A.*, os *cartoons* eram publicados na secção humorística denominada “Calhambeque”, normalmente na página 17, na qual, a par de Augusto Cid, publicavam autores como Tony Bastos, Fernando Higinio Abreu, Rui Manuel, entre outros.

**Figura 7** - Página humorística Calhambeque do Jornal da R.M.A, n.º 10, (15-05-1967).



Fonte: Fotografia de Neves, C. (2023).

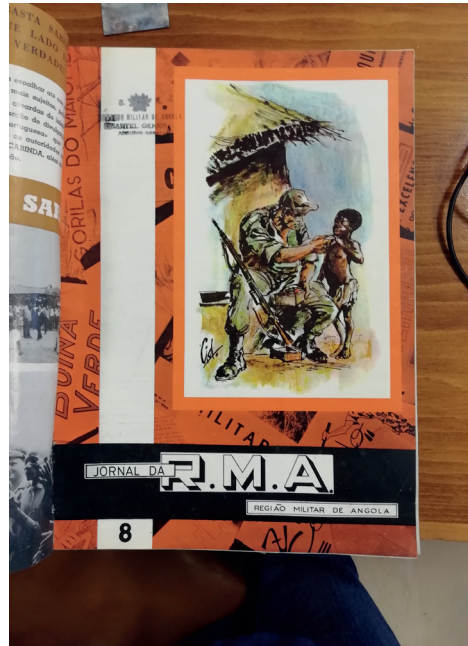
Na edição de março de 1967, do *Jornal da R.M.A.*, é impressa na ficha técnica uma miniatura do desenho da capa com a seguinte legenda «É tempo de Páscoa, Glória a Deus nas alturas, e paz na terra aos homens de boa vontade. (Desenho do furriel miliciano, José Augusto Cid [sic], SPM<sup>11</sup> 9816)». Nesse mesmo número, na página 6, Cid é anunciado como vencedor do primeiro prémio para a rubrica de “Desenho de capa”, o qual lhe valeu 250 escudos<sup>12</sup>, e da rubrica de “Anedota ilustrada” – este um pouco mais expressivo no valor de 300 escudos<sup>13</sup> – e ainda da categoria “Correspondência” granjeando as seguintes palavras da redação: «Não há dúvida que continuou e bem. Todas as anedotas que enviou foram apreciadas, algumas das quais vão já publicadas. As outras poderão vir a ser publicadas nos próximos números. Os meus parabéns!.

11 Serviço Postal Militar.

12 Moeda em vigor em Portugal, e nas ex-colónias administradas e governadas por Portugal, à época. Esta quantia, atualmente, corresponde a cerca de 103€ considerando a inflação. O acesso a estes cálculos pode ser realizado através do simulador de inflação da Pordata, o portal estatístico da Fundação Francisco Manuel dos Santos lançado em 2010. Referenciado na bibliografia.

13 Cerca de 124€, conforme indicado no simulador de inflação da Pordata.

**Figura 8** - Desenho da autoria de Cid para a capa do Jornal da R.M.A, n.º 8, de 15 de março de 1967



Fonte: Fotografia de Neves, C. (2023).

O facto de as ilustrações de Cid terem sido objeto de capa apontam o modo como eram recebidos os seus trabalhos. A este respeito, ficamos a saber através do próprio, que os *cartoons* eram bem aceites, como comentou, anos mais tarde numa entrevista<sup>14</sup>: «Esses pequenos *cartoons* eram depois enviados a uma revista militar em Luanda, que começou a habituar-se a esses meus desenhos e que reclamava sempre que não recebia pontualmente essa minha colaboração» (UM DIA COM..., 1973).

No entanto, o motivo que levou Cid a Angola foi o mesmo que anunciou o final da sua colaboração com o *Jornal da R.M.A.*. Assim, ao terminar a 12 de dezembro de 1967 a sua comissão, Cid regressava a Portugal continental. Teria ainda uma participação no *Jornal da R.M.A.*, a 15 de junho de 1968, com a publicação de uma ilustração para o texto intitulado “O garoto de Massangano” de autoria de João Silva Maia. Um texto de pendor humanista que narrava a deslocação do militar

<sup>14</sup> Para o programa da RTP, “Um dia com...”, realizado em 1973.

à povoação histórica<sup>15</sup>. Na publicação, a determinado ponto pode ler-se «Hoje, que conheço Massangano, sinto que o passado tem muito pouca importância se não formos dignos dele». Valorizando a educação, concretiza “precisamos de todos, urgentemente de todos [...] de «todos os garotos de Massangano», que existem por esta Angola fora”, nos bancos das escolas. Porque receava o militar no porvir «e algum dia eu souber que ninguém agarrou naquele garoto e o trouxe para a cidade». Um emblemático desenho de Augusto Cid, utilizado para criticar o poder e os costumes portugueses.

**Figura 9** - Desenho da autoria de Cid para o Jornal da R.M.A, n.º 23, (15-06-1968)



Fonte: Fotografia de Neves, C. (2023).

Ao longo de um ano e meio, Cid contribuiu com cerca de 33 desenhos, alguns dos quais redesenhados e posteriormente publicados no livro “*Que se passa na frente?!!*”. Como elucida na segunda capa o coeditor Carlos Jorge Peres: «Augusto Cid começara a reunir material para um futuro livro, ao qual juntou outros desenhos». O resultado da coleta foi publicado num álbum de 126 páginas,

15 Sobre esta povoação histórica destacam-se as obras do Arquitecto Fernando Batalha, “*Em Defesa da Vila do Dondo*” (1963) e “*Em Defesa do Património Histórico e Tradicional de Angola* (1963). Batalha dedicou mais de 50 anos à preservação, defesa e inventário do património de Angola (1935-1991), colaborando com o Instituto de Investigação Científica do Ultramar, o Gabinete de Urbanização do Ultramar e a Comissão Provincial dos Monumentos Nacionais de Angola. A defesa do património de Massangano torna a merecer destaque na obra *Povoações Históricas de Angola* (BATALHA, 2008, p.49-65). O seu espólio encontra-se à guarda da Academia Nacional de Belas Artes, em Lisboa desde 2012.

não numeradas, impresso em dezembro de 1973, na Litografia de Portugal, na Rua da Rosa, Lisboa, num total de 5.000 exemplares. O álbum teria um custo de 100 escudos para Portugal Continental e Ilhas, e 125 escudos para as Províncias Ultramarinas.

**Tabela 1** - N.º de ilustrações publicadas

<i>Jornal da R.M.A.</i>			
Ano	n.º	Data	N.º de ilustrações
1	5	15/dez/66	3
1	6	15/jan/67	3
1	7	15/fev/67	2
1	8	15/mar/67	8
1	9	15/abr/67	1
1	10	15/mai/67	2
1	11	15/jun/67	2
1	12	15/jul/67	3
2	13	15/ago/67	1
2	14	15/set/67	4
2	15	15/out/67	3
2	23	15/jun/68	1

Fonte: Neves, C. (2023).

Mais de duas décadas depois, em 1997, entrevistado pela jornalista Clara Ferreira Alves para o programa *Falatório* da RTP2, com o tema “O Cartoon Político”, Cid descrevia os acontecimentos que envolveram a publicação desse álbum. Durante vários anos, o autor se deparou com a dificuldade de encontrar um editor, tendo sido por diversas vezes recusado na sua intenção de republicar aquele trabalho. O que levava os editores a recusar o trabalho de Cid, parece ter sido, por um lado, a polémica do tema, uma vez que o artista representava graficamente os militares e alguns dos seus comportamentos no palco de guerra, recorrendo a caricaturas. Por outro lado, a conotação associada às suas mensagens era bastante crítica. E isso fez com que o modo como o trabalho foi recebido em Angola, durante a sua produção e publicação inicial, fosse contrastante com a receção do trabalho em Portugal. Sujeito à censura militar em Portugal, o seu trabalho foi reduzido para metade.

Na altura, e apesar da rejeição, mantendo a intenção de publicar os desenhos, apesar dos constrangimentos a que foi sujeito, Cid contra-argumentou a censura que o seu trabalho sofreu alegando a prévia publicação no *Jornal da R.M.A.*,

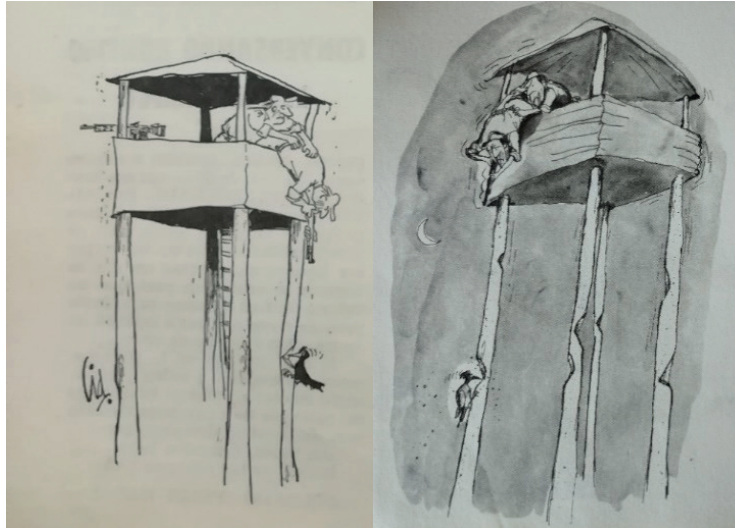
ao que obteve como resposta: «uma coisa é a frente do ataque, outra coisa é a retaguarda, na retaguarda não se pode brincar com a guerra» (O CARTOON político, 1997). Perante esses fatos, o autor resolveu produzir uma edição própria, correndo o risco consciente e enfrentando a possibilidade de ser preso. O que na sua opinião sequer faria sentido, considerando que este trabalho compreendia a republicação de *cartoons* previamente publicados em Angola. Adicionalmente, ao publicar o álbum, Cid partilhava, sobretudo, a sua experiência na guerra colonial através dos *cartoons*, desde o momento de embarque até ao regresso a Portugal continental. Um depoimento no qual se percebe o seu olhar observador, crítico e irónico, mas também humorístico.

A viagem, ali, inicia-se em um cais de embarque de um porto, com um ato de despedida do soldado que abraça uma jovem desconhecida que enverga uma minissaia. Em seguida, as más condições do alojamento no paquete e a lotação das cabines foram alvo de registo, desenhando beliches sobrepostos até ao limite da página. Caricaturou a inexperiência dos jovens recrutas atirados para o cenário de guerra, as emboscadas no mato, as dificuldades encontradas no ambiente natural e os encontros indesejados com animais selvagens, e as conversas sem sentido atrás das barricadas: a preocupação inusitada sobre o ingrediente principal da próxima refeição, as trocas de mantimentos, ou o resultado de um jogo de futebol relatado no rádio. Retrata as dificuldades e morosidade das comunicações, contornadas com subtileza por um soldado que pretendia enviar notícias para a sua família de forma mais célere, e onde se lê na legenda: «Descobri que quando escrevo “A bem da Nação” no aerograma ele chega lá mais depressa»<sup>16</sup>. Relata ainda a precariedade das instalações no terreno por analogia à fragilidade da situação política, representadas por uma torre de vigia que um pica-pau ameaça derrubar, ou mesmo por uma ponte que se desmorona, no momento da inauguração.

---

16 Saudação comumente utilizada para terminar um texto oficial, durante o *Estado Novo*.

**Figura 10** - Desenho Publicado no Jornal R.M.A. a 15-12-1966 (esquerda), e redesenho publicado na 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> edições do livro "Que se passa na frente?!".



Fonte: Fotografias de Neves, C. (2023 e 2025).

A proposta de classificação de Rattner (2020) relativa ao uso do satírico na imprensa por categorias além do quotidiano dos militares referia, de igual modo, as ineficiências associadas à situação militar, o que inevitavelmente incluía a menção ao inimigo, mas também as hierarquias militares. E neste ponto, é interessante ler como o traço de Cid inverte o sentido da guerra, colocando o soldado português à frente da arma da criança angolana, denunciando a aparente falta de critério na seleção de soldados – recrutados, independentemente, de especialidade – ou mesmo do despreparo dos recrutas, demonstrado pelo soldado que em lugar da arma carrega uma tuba pelo mato.

**Figura 11** - Desenho publicado no Jornal R.M.A. a 15-06-1967 (esquerda), e redesenho publicado na 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> edições do livro "Que se passa na frente?!".



Fonte: Fotografias de Neves, C. (2023 e 2025).

Ironiza o gozo da licença, com o mergulho de um soldado nas águas de um rio que delimita a guerrilha. Mas, também observa as relações dos soldados com a comunidade nativa, sobretudo com as mulheres, que representa com contornos curvilíneos. O livro termina com a viagem de retorno, aludindo ao cais de desembarque, explorando o choque entre um Portugal fechado – representado pelas mães e esposas que aguardam os soldados num momento muito desejado – mas, ainda assim, bastante diferente do esperado.

**Figura 12** - Imagem das capas dos álbuns "Que se passa na frente?!!" da autoria de Cid. Da esquerda para a direita, 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> edição



Fonte: Fotografia de Neves, C. (2025).

O álbum foi distribuído em fevereiro de 1974, nas vésperas do golpe militar em 25 de abril, que terminaria com 41 anos de um regime político ditatorial, o Estado Novo – fundado por Oliveira Salazar e continuado por Marcelo Caetano entre 1968 e 1974. O fim de um regime desgastado também pelas consequências dos conflitos com Angola, Guiné e Moçambique, e a pressão da comunidade internacional contra o colonialismo.

Mais tarde, no mesmo ano em que foi entrevistado por Clara Ferreira Alves, em 1997, deu-se a publicação da 2.<sup>a</sup> edição do livro *“Que se passa na frente?!!”*, dado que 1.<sup>a</sup> edição se encontra esgotada desde 1986<sup>17</sup>. Com o editor no Porto, Contemporânea Editora, Lda., a nova edição é revista e aumentada, contando com 132 páginas não numeradas. Acresce uma introdução a esta edição onde o autor descreve textualmente o aquartelamento onde estava instalada a Companhia

dois tristes torrões, uma velha casa de chefe de posto que servia de abrigo aos graduados, uma caserna e duas outras casas onde viviam os guardas fiscais, ...contava ainda com um novo edifício da P.I.D.E.<sup>18</sup> por estrear e uma velha loja que a ausência de comércio havia transformado numa ruína. (CID, 1997, p. [1])

E acrescenta que nesse local inacessível, desolador e de abandono, onde o reabastecimento era realizado via aérea ou fluvial, estavam 40 homens, entre a guerrilha do M.P.L.A.<sup>19</sup> e uma força destacada para a fronteira pela Zâmbia, entregues à “patriótica missão de soberania”.

Em 2016, entrevistado por José Cabrita Saraiva para o semanário *SOL*, Cid, então com 75 anos, partilha a memória do embarque no Vera Cruz, o paquete que levava cerca de 3.000 homens, o equivalente a 3 batalhões. Recorda a saída do barco do cais, em cenas difíceis de imaginar, «porque as pessoas despediam-se como se os filhos não voltassem», menciona as más condições no porão, onde iam os soldados, acondicionados em seis beliches uns em cima dos outros e relata vários episódios de guerra em circunstâncias difíceis. Nesse contexto, continuou a desenhar, fazia a “sua guerra”, e quando chegava ao destacamento, utilizava os lápis de cores e as aguarelas criando um *cartoon* sobre o que estava a vivenciar.

17 Informação retirada do verso da folha de rosto do (CID, 1987).

18 P.I.D.E. - Polícia Internacional e de Defesa do Estado.

19 M.P.L.A. - Movimento Popular de Libertação de Angola.

Nos bolsos laterais da farda levava sempre um *pocket book*, «coisas inglesas ou americanas», referindo-os como as suas munições literárias. Quando se apercebeu que existiam páginas para publicar *cartoons* em uma revista militar, decidiu colaborar. Embora, fosse pago por cada *cartoon* no valor de 150 escudos, afirmava que auferia maior valor pecuniário com os desenhos do que no exercício do posto de furriel.

Anos mais tarde, o mesmo semanário, *SOL*, publicava a 14 de março de 2019 a notícia do falecimento de Cid. Num apontamento biográfico referia o seu trabalho em vários jornais, *O Diabo*, *Vida Mundial* e o semanário *SOL*, e a publicação de vários livros ao longo da sua carreira, a título de exemplo “*Que se passa na frente?!?*”, “*Porreiro, pá!*” e “*Soares é fish*”. (*SOL*, 2019). No entanto, note-se a relevância deste seu primeiro álbum “*Que se passa na frente?!?*” na sua carreira, o qual mesmo depois de mais de 30 títulos publicados, continua a ser mencionado.

### Considerações finais

Em Angola, enquanto furriel miliciano atirador, para enfrentar a “difícil e inexplicável lógica da guerra” e a sua expressão *nonsense*, Cid utilizou o *cartoon* como um refúgio e fonte de força interior, como terá referido no prefácio à edição de 1997. Ao publicar a primeira edição do álbum “*Que se passa na frente?!?*”, em Portugal continental no ano de 1974, num ato de coragem e inconformismo, manifestou liberdade de expressão e vontade de mudança, num momento em que ainda vigorava um regime autoritário, embora caduco e desgastado.

Crítico, irreverente, mas – e – assertivo, Cid retratou com humor o ambiente que viveu em Angola, denunciando as condições em que os militares operavam, num registo antagónico ao que a propaganda do Governo na metrópole tentava veicular. Cid manteve essa atitude ao longo da sua carreira enquanto cartoonista. Repetindo-a em outras publicações, em jornais e álbuns, sobretudo, entre 1974 e 1976, no período apelidado de Processo Revolucionário em Curso (PREC), o que levou à apreensão de exemplares com direito a julgamento na barra do tribunal durante os primeiros anos de Democracia. Mas também pela qual foi reconhecido e homenageado, ao se ter destacado e prestado serviços na expansão da cultura portuguesa, da sua história e valores, tendo recebido pela mão do então Presidente da República Portuguesa, Mário Soares, o grau da ordem honorífica

portuguesa de Comendador da Ordem do Infante D. Henrique, em 1994. Dez anos depois, em 2004, granjeou o epíteto de “Cavaleiro do *Cartoon*”, justificado por ter utilizado o lápis ao serviço das suas ideias, e por exercer o jornalismo em defesa da liberdade, numa exposição antológica da responsabilidade do Museu Nacional da Imprensa, que reuniu trabalhos realizados para a imprensa nacional, ao longo de 30 anos.

Embora a totalidade da obra do cartoonista Augusto Cid esteja por estudar, os desenhos para o Jornal da R.M.A. e o livro “*Que se passa na frente?!!*” foram alvo de textos académicos produzidos na última década. Paolo La Valle analisou os desenhos incidindo sobre os estereótipos racistas e sexistas, procurando mudanças na representação das mulheres negras em Portugal durante os anos da guerra colonial (LA VALLE, 2017).

Atualmente, esse conjunto de *cartoons*, contribui para um maior entendimento da questão colonial, sobretudo o papel da imprensa produtora e difusora de imagens sobre a África portuguesa, neste caso Angola, e a opinião militar e mesmo pública que se pretendia mobilizada na defesa dos interesses coloniais portugueses. Constituem igualmente, fonte para o entendimento da produção de elementos/construção de um imaginário acerca regiões africanas sobre a influência ou soberania nacional e para o estudo das relações coloniais construídas naquele período entre Portugal e Angola como território.

As influências históricas relativas à representação do colonialismo no *cartoon* modelaram a utilização de estereótipos e desafiaram narrativas. A utilização do humor nas imagens visuais do *cartoon* de guerra permite criticar os estereótipos coloniais, enquanto reflete as complexidades da resistência colonial e pós-colonial, bem como os desafios éticos associados à produção cultural e mesmo à receção pelo público. Assim, e conforme se verifica, o tópico não se esgota neste estudo, e a disponibilização do arquivo pessoal de Augusto Cid, permitirá que em breve novas abordagens e resultados de investigação surjam.

## Referências

ALVES, José Augusto dos Santos. **A opinião pública em Portugal**: da Praça Pública à Revolução (1780-1820). Porto: Media XXI, 2015.

BATALHA, Fernando. **Povoações históricas de Angola**. Lisboa: Livros Horizonte, 2008.

CÂMARA Municipal de Cascais, Arquivo Histórico Municipal de Cascais. **Plano de classificação: Augusto José Matos de Sobral Cid**. Arquivo Digital de Cascais. Disponível em: <https://arquivodigital.cascais.pt/xarqweb/Result.aspx?id=400773&type=PCD>. Acesso em: 15 ago. 2025.

O CARTOON político. Produção Radio Televisão Portuguesa, 10 abr. 1997. Son., color., 4:3 PAL Publicado por RTP Arquivos. Disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/o-cartoon-politico-parte-ii/> Acesso em: 20 ago. 2025.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Feira de Santana, Bahia: Editorial Adandé - Casa da Resistência, 2024.

CID, Augusto. **Agarra mas não abuses!**. Lisboa: Pensamento, D. L. 1987.

CID, Augusto. **Que se passa na frente?!!**. 1. ed. Lisboa: Litografia de Portugal, 1973.

CID, Augusto. **Que se passa na frente?!!**. 2. ed., rev. aument. Porto: Contemporânea, D.L. 1997.

COELHO, Manuel de Jesus (ed.). Suplemento Burlesco ao Patriota. In: Câmara Municipal de Lisboa. **Website da Hemeroteca Municipal de Lisboa**, 2016. Disponível em: <https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/SuplementoBurlescoaoPatriota/Suplementoburlescoapatriotall.htm> Acesso em: 20 ago. 2025.

COSTA, José Daniel Rodrigues da. Almocreve de petas, ou, moral disfarçada, para correcção das miudezas da vida. In: **Internet Archive**. Website. Disponível em: <https://archive.org/details/almocrevedepetas01costuoft/page/n5/mode/2up>. Acesso em: 19 ago. 2025.

DETERALA, Sophia. Trespassing dreams: rethinking inequality through the concept of subalternity. **Qualitative Inquiry**, v. 27, n. 3-4, p. 412-420, 2021. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1077800420920668>. Acesso em: 19 ago. 2025.

DIOGO, Maria Paula; URZE, Paula; SIMÕES, Ana. Cartoon diplomacy: visual strategies, imperial rivalries and the 1890 British Ultimatum to Portugal. **The British Journal for the History of Science**, v. 56, n. 2, p 147-166, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0007087423000067>. Acesso em: 19 ago. 2025.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERNANDES, Paulo Jorge. Caricatura e *cartoon* em Portugal: humor sem contenção no Portugal contemporâneo. In: LOPES, Edgar Taborda (org.). **Humor, Direito e Liberdade de Expressão**. Lisboa: Centro de Estudos Judiciários, 2016. p. 215-235.

FERREIRA, João Pedro Rosa. **Castigar a rir**: o humor na imprensa periódica em Portugal (1797-1835). 2018. Tese (Doutorado em História e Teoria das Ideias) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa. Disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/43440>. Acesso em: 19 ago. 2025.

FERREIRA, João Pedro Rosa. O humor na imprensa periódica portuguesa (1797-1835). **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, v.13, n.1, p. 176-191, 2020. Disponível em: <https://periodicos-cientificos.ufmt.br/territoriosefronteiras/index.php/v03n02/article/view/1055/pdf>. Acesso em: 19 ago 2025.

FRANÇA, José-Augusto. O Zé Povinho, sempre o mesmo. In: Câmara Municipal de Lisboa. **Website do Museu Bordalo Pinheiro**, 2004. Disponível em: <https://museubordalopinheiro.pt/o-ze-povinho-sempre-o-mesmo/> Acesso em: 20 ago. 2025.

FUNDAÇÃO Francisco Manuel dos Santos. **Simulador de Inflação**. Lisboa, 2024, Website. Disponível em: <https://www.podata.pt/pt/simuladores/simulador-de-inflacao>. Acesso em: 16 ago. 2025.

GOUVEIA, Cristina (Coord.). **007 ordem para humorar**: catálogo da exposição de 07 de julho de 2007 a 27 de julho de 2008. Amadora: Estrelas de papel, 2007.

HENRIQUE, Sónia Pereira. Portuguese public opinion at the time of the Boletim e Annaes do Conselho Ultramarino. In: **Creating and Opposing Empire**. MACHADO, A. V. (ed.). New York: Routledge, 2022. p. 121-138. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9780429282270-9>. Acesso em: 19 ago. 2025.

HENRIQUES, Cláudia. O imaginário colonial português na revista Antena (1965-1968) do Rádio Clube Português. **Media & Jornalismo**, n. 29, v. 16, p.139-158, 2016. Disponível em: [https://impactum-journals.uc.pt/mj/article/view/2183-5462\\_29\\_9](https://impactum-journals.uc.pt/mj/article/view/2183-5462_29_9). Acesso em: 19 ago. 2025.

HOBBS, Thomas. **Leviatã, ou, Matéria, palavra e poder de uma República eclesiástica e civil**. Petrópolis: Vozes, 2020. E-book. Disponível em: <https://www.osaberdigital.com.br/wp-content/uploads/2024/11/Leviata-Thomas-Hobbes-1.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2025.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Lisboa: Edições 70, 2008.

MATOS, Álvaro Costa de. Ficha histórica: A Lanterna Mágica (1875). In: Câmara Municipal de Lisboa. **Website da Hemeroteca Municipal de Lisboa**, 2016. Disponível em: <https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/FichasHistoricas/ALanternaMagica.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2025.

MATOS, Patrícia Ferraz de. Imagens de África? Filmes e documentários portugueses relativos às antigas colónias africanas: primeira metade do século XX. **Comunicação e Sociedade**, v. 29, p. 153-174, 2016. Disponível em: [http://dx.doi.org/10.17231/comsoc.29\(2016\).2414](http://dx.doi.org/10.17231/comsoc.29(2016).2414). Acesso em: 19 ago. 2025.

MARTINS, Leonor Pires. **O império de papel**: imagens do colonialismo português na imprensa periódica ilustrada (1875-1940). Lisboa: Edições 70, 2012.

MILHEIRO, Ana Vaz. Wartime residential rural landscapes the Guinea-Bissau case during the colonial/liberation war with the Portuguese (1963-1974). **Cogent Arts & Humanities**, v. 11, 2024.

Disponível em: <https://doi.org/10.1080/23311983.2024.2303184>. Acesso em: 19 ago. 2025.

MORREU Augusto Cid aos 77 anos. In: **SOL**, Lisboa, 14 mar. 2019. Disponível em: <https://sol.sapo.pt/2019/03/14/morreu-augusto-cid-aos-77-anos/>. Acesso em: 20 ago. 2025.

O NOSSO Cid em livro. **O Diabo**, Lisboa, nº 49, 6 de dez. 1977.

OLÍMPIO, Ana Filipa. **Uma caricatura de país**. Dissertação (Mestrado em Desenho) - Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ulisboa.pt/handle/10451/8499>. Acesso em: 19 ago. 2025.

PEIRCE, Charles Sanders. **Écrits sur le signe**. Paris: Seuil, 1978.

PLATÃO. **A República**. Introdução, tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. 9. ed. Lisboa: FCG, 2001.

QUARTEL General da Região Militar de Angola. **Jornal da R.M.A.**. Luanda, R.M.A. 1966-1968.

RATTNER, Jair Norberto. O satírico na imprensa das unidades durante a guerra colonial. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL HISTÓRIA DO JORNALISMO EM PORTUGAL, 2020. **Atas da [...]**. Lisboa, Portugal: ICNOVA, 2020. p. 205-224. Disponível em: [https://research.unl.pt/ws/portalfiles/portal/18323381/Para\\_uma\\_hist\\_ria\\_do\\_jornalismo\\_em\\_Portugal\\_2020\\_dragged\\_6.pdf](https://research.unl.pt/ws/portalfiles/portal/18323381/Para_uma_hist_ria_do_jornalismo_em_Portugal_2020_dragged_6.pdf). Acesso em: 20 ago. 2025.

RAVI, Sonali; BENHAÏM, André. Humor in French Postcolonial Literature and Culture: A Paradox? **Contemporary French and Francophone Studies**, v. 26, p. 49-56, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/17409292.2022.2026083>. Acesso em: 19 ago. 2025.

RÉGNIER, Philippe (dir.). **La Caricature entre République et censure: L'imagerie satirique en France de 1830 à 1880: un discours de résistance?**. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1996. Disponível em: [10.4000/books.pul.7799](https://doi.org/10.4000/books.pul.7799). Acesso em: 19 ago. 2025.

ROCHA, Ana Raquel Amaral. **Cultura visual, nacionalismo e imprensa satírica: o humor gráfico antibritânico em Portugal (1878-1899)**. 2024. Dissertação (Mestrado em História Contemporânea) - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa. Disponível em: [https://run.unl.pt/bitstream/10362/135937/2/TEXTOCulturaVisualNacionalismoImprensa\\_ARR.pdf](https://run.unl.pt/bitstream/10362/135937/2/TEXTOCulturaVisualNacionalismoImprensa_ARR.pdf). Acesso em: 19 ago. 2025.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Carta a D'Alembert**. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2015.

SAID, Edward W. **Orientalismo: representações ocidentais do oriente**. Trad. Pedro Serra. Lisboa: Livros Cotovia, 2004.

SARAIVA, José Cabrita. Evitei muitas mortes na guerra e por isso voltei sem problemas na cabeça. **SOL**, Lisboa, 18 dez. 2016. Disponível em: <https://sol.sapo.pt/2016/12/18/augusto-cid-evitei-muitas-mortes-na-guerra-e-por-isso-voltei-sem-problemas-na-cabeca/>. Acesso em: 20 ago. 2025.

SCHIBELINSKI, Diego. **História e humor, arte e política: a questão colonial na imprensa satírica**

ilustrada da primeira república portuguesa. Monografia (Bacharelado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2016. Disponível em: [https://www.academia.edu/82292821/Hist%C3%B3ria\\_e\\_humor\\_arte\\_e\\_pol%C3%ADtica\\_a\\_quest%C3%A3o\\_colonial\\_na\\_imprensa\\_sat%C3%ADrica\\_ilustrada\\_da\\_Primeira\\_Rep%C3%ABlica\\_Portuguesa](https://www.academia.edu/82292821/Hist%C3%B3ria_e_humor_arte_e_pol%C3%ADtica_a_quest%C3%A3o_colonial_na_imprensa_sat%C3%ADrica_ilustrada_da_Primeira_Rep%C3%ABlica_Portuguesa). Acesso em: 19 ago 2025.

SILVA, Vítor Manuel Aguiar e. **Teoria da literatura**. 8. ed. Coimbra: Almedina, 2002.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. The new subaltern: a silent interview. In: Chaturvedi V. (ed.). **Mapping subaltern studies and the postcolonial**. London: Verso Books, 2012. p. 324-325.

TENGARRINHA, José. **Nova história da imprensa portuguesa**: das origens a 1865. Lisboa: Temas e Debates: Círculo de Leitores, 2013.

THIONG'O, Ngũgĩ wa. Decolonising the Mind: the Politics of Language in African Literature. Harare: Zimbabwe Publishing House, 1994. E-book. Disponível em: [https://marxistnkrumaistforum.wordpress.com/wp-content/uploads/2013/12/wa-thiong\\_o-decolonising-the-mind-the-politics-of-language-in-african-literature.pdf](https://marxistnkrumaistforum.wordpress.com/wp-content/uploads/2013/12/wa-thiong_o-decolonising-the-mind-the-politics-of-language-in-african-literature.pdf). Acesso em: 19 ago. 2025.

TORRES, Sílvia Manuela. **Guerra Colonial na revista Notícia**: a cobertura jornalística do conflito ultramarino português em Angola. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2012. Disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/7280>. Acesso em: 19 ago 2025.

UM DIA COM... Augusto Cid. Produção Radio Televisão Portuguesa 12 jul. 1973. Son., p&b, 4:3 PAL. Publicado por RTP Arquivos. Disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/um-dia-com-augusto-cid/>. Acesso em: 20 ago. 2025.

UNIVERSIDADE de Lisboa. Arquivo Histórico da Escola Superior de Belas Artes. **Livro de matrículas, inscrições e exames: pintura e escultura**. Lv. 4, 1961-1973.

LA VALLE, Paolo. Corpo-colônia: um estudo preliminar sobre a representação das mulheres negras africanas durante a guerra colonial a partir da "Que se passa na frente" de Augusto Cid. **Revista Desassossego**, São Paulo, Brasil, v. 9, n. 17, p. 05-24, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/desassossego/article/view/131616>. Acesso em: 20 ago. 2025.